

AS MARGENS PÁVIDAS

Nos bancos do Museu está sentada a liberdade da minha adolescência de mãos dadas com os anos em que sonhei e encarava o mundo com otimismo. Não sabia o que era ser adulto, acreditava nas pessoas, tinha mais fé nas causas em que defendia, até que, infelizmente, aprendi que grandes expectativas geram imensas amarguras que se acumulam e nos transformam em seres rançosos e desgastados.

Estudava num colégio nas proximidades, não fui uma aluna excepcional, nem medíocre, mas era bolsa mérito em matar aula. Odiava ficar enjaulada em uma sala de aula, sentia claustrofobia! Não entendia o porquê tinha que ouvir sobre história e biologia, se podia ver a história e viver a biologia no Museu do Ipiranga através das árvores, bichos e monumentos.

No Museu, com meus amigos, falava dos meus futuros maridos, dos bombeiros sarados e também tirava uma soneca. Adorava dormir olhando o céu, pensar no futuro e esquecer um pouco da minha casa.

Assim como eu, muitas outras pessoas passaram por ali e deixaram seus sonhos esparramados pelas escadas e folhagens.

Lembranças que são minhas e não são minhas, ideais compartilhados em silêncio.

É um lugar que respira a vida, um simples oi do cara que corre já traz um acalanto para o coração e alívio para as tristezas.

Olho para o Museu e lembro dos meus pais tentando agradar, depois da dolorida injeção dada pelo médico, me subornando com cachorro-quente, não tínhamos dinheiro

para comprar outra coisa se não, cachorro-quente. Apesar disso, aquele momento não precisava de mais dinheiro, porque cachorro-quente era a melhor coisa do mundo.

As escadarias recordam o meu irmão, tinha 3, ele 12. Eu escorregava no corrimão e na outra ponta ele sempre estava lá, para me pegar. Até hoje é assim, escorrego nos planos mais loucos e, se eu falho, ele sempre está lá, para me pegar. Meu irmão é meu herói! Toda vez que vejo estas escadas, temos esta idade, sempre brincando no mesmo lugar.

Mas hoje sou adulta, a vida se tornou dura, nas palavras de Heráclito, *“a única coisa que não muda é que tudo muda”*. O grande filósofo errou, tantas mudanças aconteceram no Museu, assim como na minha vida, mas apesar de fazer mais de 100 anos da independência do país, continuamos com a mesma mentalidade.

Este Museu é o berço de uma ideia, o desejo de ser livre. Mas uma nação só é liberta de verdade quando a mente de um povo não é monopólio de outro país. O Brasil precisa caminhar com as próprias pernas, parar de valorizar tanto o que tem fora e fazer melhor aqui dentro.

Todo mundo está cansado de ouvir que o Brasil é o país do futuro, só que no meio da discussão, confundiram as cores verde e amarelo com as erradas. Precisamos aprender a respeitar as posições diferentes e pensar que todos são brasileiros, parar de ver que existem brasileiros com “b” maiúsculo ou “b” minúsculo, superada a barreira de conflitos, podemos colocar tudo nos eixos.

Os corações e mentes estão fechados nos dias de hoje, o Museu está fechado. Espero que, assim como no Museu, possa haver também uma reforma nas ideias e na mente das pessoas.

Às vezes, pergunto para mim:

— Quando vai acabar o grito de “*independência ou morte*”?

E sempre, o meu eu interior, responde quase que automaticamente:

— Não sei, só espero que nunca cheguemos a segunda parte da sentença.